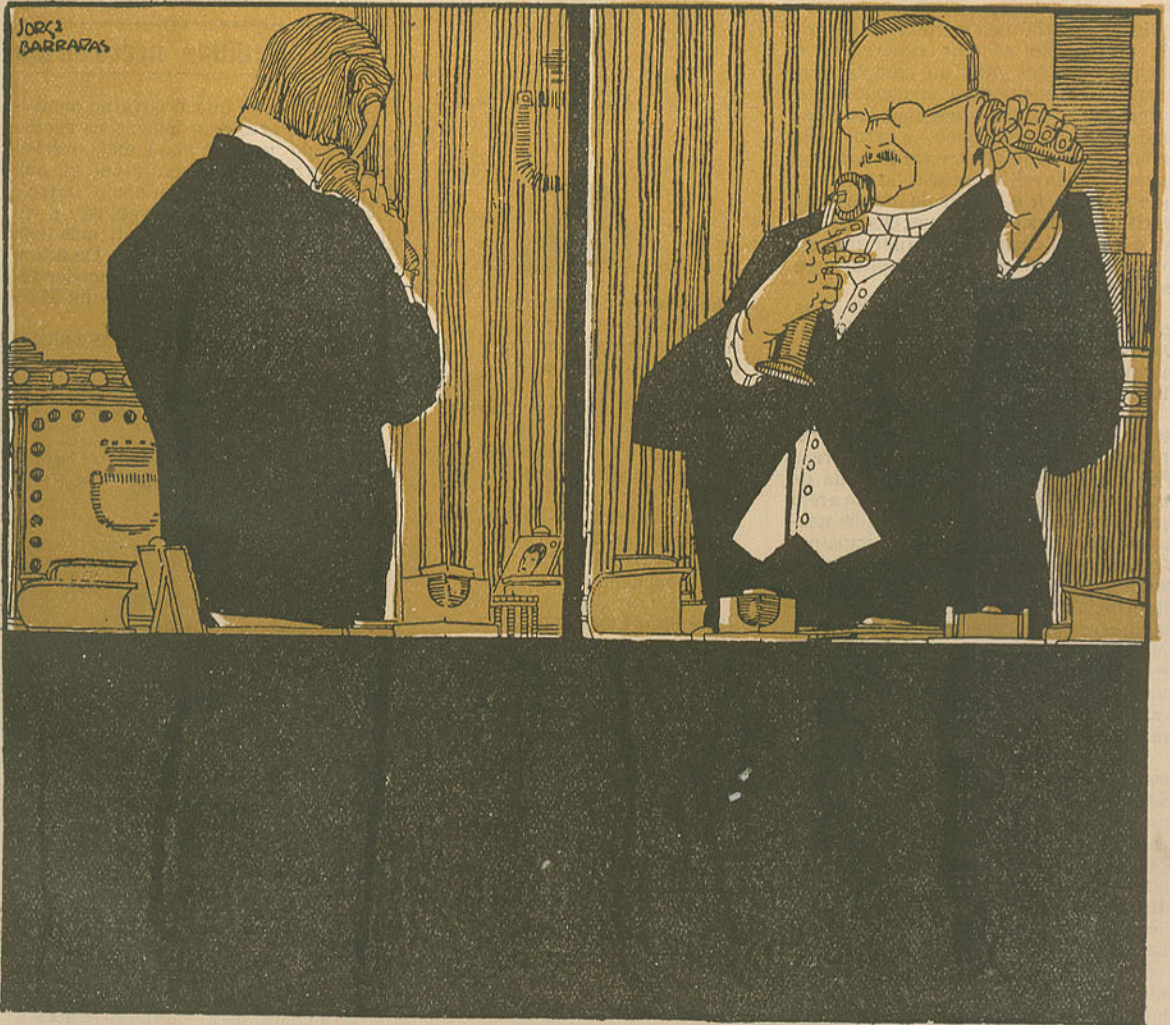




Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

ESPERANÇAS



—Então?
—Lá o espero em Monsanto, meu senhor...



PALESTRA AMENA

A fé

O abaixo assinado não se tem por profeta, no sentido místico da palavra, pois lhe faltam para tal alguns requisitos principais, entre eles a longa barba e o ar misterioso: rapa a cara prosaicamente de dois em dois dias e dispõe de fisionomia franca a denunciar um espirito igualmente pão-pão, queijo queijo. Pois não sendo profeta, nem se tendo por mais vidente do que outro qualquer, de ha muito sabia que quando se extremassem nitidamente os campos politicos, quando d'um lado se arvorasse a bandeira verde-rubra e de outro a azul e branca, até as pedras da calçada se levantariam a defender a primeira e o resultado seria, inevitavelmente, o abatimento da segunda.

Poderiam, até, exercitos numerosos acorrer pelos principios monarchicos, poderia uma paciente e aturada preparação semear esperanças e dinheiro a rodos, que do campo contrario, com elementos aparentemente inferiores, surgiria necessariamente, mais tarde ou mais cedo, e provavelmente mais cedo do que tarde, um colosso formidavel, temeroso, invencível, que n'um abrir e fechar de olhos pulverisaria todos os esforços; esse colosso é a Fé—a chama espiritual que só os cegos não viam, n'um crepitar que só os surdos não ouviam.

Estava, por ventura, apagada essa chama, porque as labaredas se não elevavam no espaço, destruido esse rumor, porque se confundia com o palpitante dos corações?

Não estava; um sopro bastaria para atear o vulcão e despertar-lhe os bramidos trovajantes, porque ele era a Fé que move montanhas e abala os mundos, quanto mais os grãos de areia que pretendiam agora opôr-se-lhe necessariamente, movediços, quasi impalpáveis, inconsistentes, sem que os cimentasse senão a ambição, coisa miseranda e futil, que para se dispersar e desaparecer não carece dos vendavais que se desencadearam — uma brisa ligeira, apenas com a condição de ser pura e de não errar a direção, seria sufficiente para deitar por terra os minúsculos castelos no ar!

Mas, perguntar-se-ha, a fé nas causas injustas não produz iguaes e'eitos? Não; essa, que não é a verdadeira Fé, que não apresenta consistencia porque se ergue n'uma base falsa, essa que a Razão esborça aos primeiros embates, determina simplesmente victorias transitorias e efemerias, e são nas consciencias como que aleijões, que mais lhes pesam do que as aliviam.

Dito isto, é de supôr que alguém não julgue ameno o tom da palestra de hoje, mas consinta-se que, por excitação, o palestrador uma vez por outra se alheie das opiniões dos outros e se amenise a si proprio, Temos concluido.

J. Neutral.

Os pêlos da Micas

Não ha nenhuma razão
Que justifique o desgosto
Da Micas da Conceição
Por ter pelinhos no rosto.

Começa porque não deve
Chamar assim; não é pêlo
Um sombreado tão leve
Que é milagre a gente vê-lo.

Por minha parte, asseguro
Que se a Micas me não diz
Julgava que aquele escuro
Era a raia do nariz.

Pêlo?! que nome tão feio!
Dê-lhe outro de mais poesia:
Chame-lhe antes devaneio,
Ou quimera, ou fantasia...



Quem sabe se foi a brisa
Que lhe deixou ao passar
Aquela sombra indecisa.
Impalpavel como o ar?

Quem sabe? Talvez que fosse
A lua, que n'um desejo
De tornar a luz mais doce
Depuzesse ali um beijo!

Tivesse mosca, então sim,
Matações, suissa ou pêra;
Mas uns fios de setim
N'um bocadinho de cêra!

Já vêem a sem-razão,
Ou antes, insensatez,
Da Micas da Conceição
Se barbear tanta vez.

Ignotus.

DE BOCAGE

A D. Tereza de Jesus Pereira,
na morte de sua irmã.

*Dos negros mausoleus a deusa escura,
Que o veu desdobra do funereo dia,
Já Marília sumiu na estancia fria,
Deu mais um triste exemplo á formosura.*

*Soltou-se alma gentil, vida imatura
De corpo que em mil graças floresceta;
Saúdade perenal geme e avalia
Tesouro de que é cofre a sepultura.*

*Chôra, doce Tirséa, encanto amado:
Feltz essa corrente maviosa,
Se lagrimas pudessem mais que o fado!*

*Se nos chôros surgisse a irmã formosa,
Qual em ermo jardim desamparado
Aos prantos da manhã revolve a rosa!*

Bravo!

Uma noite d'estas um palhote fundeado nos afastados e procelosos mares fronteiros ao caneiro de Alcantara foi visitado, com toda a urbanidade, por um grupo de gatunos que, depois de cumprimentarem com afabilissimas pauladas os 5 tripulantes do palhote, aliviaram este do incomodo peso de 30 sacas de açúcar.

Diz o jornal, de onde extraimos esta noticia, e que só por distração a não incluiu na sua secção sportiva, que o proprietario do barco foi queixar-se no Arsenal, onde lhes prometeram mandar para bordo algumas sentinelas.

Faltariam a um sagrado dever se não aplaudissimos entusiasticamente esta providencia. O peor é que os gatunos podem voltar e levar as sentinelas nas algibeiras, mas, enquanto elles não chegam, a guarda a um recinto roubado é muito de apreciar.

Medidas necessarias

Ninguem dirá que o governo monarchico do Porto desconhecia as necessidades do paiz. O que é mais preciso a um portuguez, na hora actual, em que lá por fora se trabalha como burro? Evidentemente o descanso, não a velharia do descanso semanal, mas uma folga de 10 dias, pelo menos. De aí um decreto pela instrução, a conceder feriado á rapaziada amiga até o dia 31 de Janeiro.

Está-se a ver que era apenas a amos-



tra, porquanto outras medidas se impõem, de igual necessidade, por outros ministerios a saber:

I—Entrada nas repartições publicas ao meio dia e saída ás 14 horas.

II—Sêta dos empregados das mesmas repartições, durante uma hora.

III—Recreio geral obrigatorio, durante 6 horas por dia.

IV—Obrigaçào de toda a gente ir para a cama ás 21 horas e de dormir doze horas seguidas.

Não é ainda o ideal, mas o que deixamos exposto já satisfaria um pouco a maioria da população.



Torre de chifre

Conheci-te ainda de berço
Pura como as aves
Com uns trilos suaves,
E então fiz-te o primeiro verso.

Foste crescendo, crescendo,
E conquistando o meu coração,
Até que um dia tremendo
Foste á primeira comunhão.

Mais tarde foste á igreja
Com outro que não era eu!
Como o meu coração sofreu
E como ainda hoje goteja!

Oxalá que não chegue ao cumulo
De por infelicidade
Eu ter de te acompanhar ao tumulo
Por toda a eternidade!

Artur Bolivia.

Viagens recreativas

Antigamente as viagens em comboio eram d'uma monotonia desesperadora e os passageiros viam-se a perros para passar agradavelmente o tempo do trajeto. Lembra-nos, por exemplo, de que n'uma viagem a Evora, da tuna academica de Lisboa, os rapazes, se quiseram divertir-se, tiveram de des-



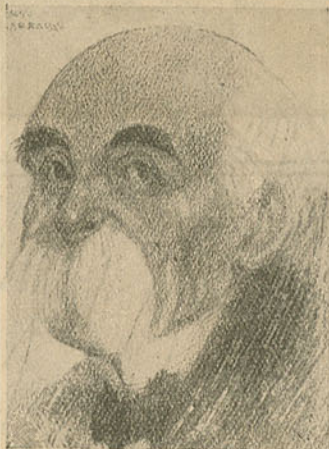
tacar um d'eles, o qual, com o comboio em andamento, saltou para a via, foi raptar um peru que perto andava pastando e subiu com ele para o compartimento, de onde depois o atirou á guardadora, que já dizia mal á sua vida. Esta historia, absolutamente verdadeira, e outras semelhantes, caíram, afinal, na banalidade, de modo que atualmente é necessario inventar outras coisas.

Felizmente essas outras coisas já entraram em ensaios; a ultima foi um assalto de gatinos ao comboio das Caldas da Rainha, com exito mediocre, diga-se a verdade, mas dando esperanças de que em breve os passageiros possam gosar o prazer de largar a bolsa ou a vida, ou as duas conjuntamente.

Ai, bons tempos da mala-posta!

EM FOCO

Clemenceau



Na guerra deu as provas competentes
A gloria conquistando no futuro;
Seu renome na paz é já seguro,
Pois vai ser o melhor dos presidentes.

Que falta para os nossos descendentes
Lhe prestarem um culto eterno e puro?
Que o consagre em seus versos o maduro
Autor d'estes sonetos excelentes.

Fica, pois, consagrado n'esta data
E, para mais, outro maduro o rosto
N'uma caricatura lhe retrata.

Agora, os olhos temos n'ele posto:
Ora vamos a ver como nos trata,
Se nos dá, por acaso, algum desgosto...

BELMIRO.

Mais Bocage

Imitação anacreontica

Em torno de aurea colmeia
Amor adejava um dia
E a mãozinha introduziado
Humidos favos colhia.

Abelha, mais forte que eu
Porque do amor não tem medo,
Eis do guloso menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o tenro dedinho
Entra Cupido a chorar
E ao colo da mãe voando
Do inseto se vae queixar.

Venus carinhosa e bela
Diz, amimando-o no peito:
— Desculpa o que te fizeram,
Recordando o que tens feito.

O tenue ferrão da abelha
Doe menos que os teus farpões:
O que ele te fez no dedo
Fazes tu nos corações.

O calado é o melhor

Com o respeito que nos merecem os sabios do nosso paiz, pedimos licença para discordar um quasi nada da opinião d'aquelle que, entrevistado ultimamente por um redator do *Imparcial* de Madrid, dividiu a peninsula iberica em varios Estados, um dos quais se compunha de Portugal e duas provincias hespanholas, com tres capitães, funcionando cada uma durante dois anos.

E não concordamos porque muito

melhor seria, para felicidade dos povos, que as capitães fossem tantas como as povoações — as cabeças de concelho, por exemplo — não funcionando aos anos, mas aos mezes: em Janeiro a capital será, por exemplo, em Alcabi-



che, em Fevereiro) em Matacães, etc. Emfim, a palavra d'um sabio é de ouro, sem duvida, mas ha occasiões em que o seu silencio seria de diamante — se nos permitirem o arrojo da imagem.

Correspondencia

Libório — Nem sempre florescem os lírios, dizia-se em latim e dizemos nós em portuguez. Apeeerfeição-se.

Balbina S. — Já lá vae o tempo em que as senhoras fazziam meia; faça, porém, outra coisa: coce o nariz, por exemplo.

O DILUVIO



NOÉ-PORTUGAL:

— Não ha maneira da pomba voltar com o raminho de oliveira!